

Nome

ANTONIO HAROLDO DA COSTA CARDOSO JUNIOR

CREF

1273-G/PA

Telefone

91981985476

Endereço de Email

antoniojunior018@gmail.com

Categoria

19 - CATEGORIA MILITAR. Você profissional que com Educação Física no âmbito militar no ano de 2019. Quais as atividades desenvolvidas? Quais os resultados das atividades realizadas?

Descrição

Atuando como professor de Educação Física desde 2005, em 2015 fui selecionado para compor a equipe de profissionais do Colégio Militar de Belém (CMBEL), onde desde o início fiquei responsável pela equipe do esporte Orientação. Esta modalidade esportiva tem sua origem na Europa e é muito difundida no âmbito Militar e muito praticada na região sul e sudeste do País. Infelizmente, esta modalidade esportiva não é muito divulgada em nosso Estado, nem tampouco no ambiente escolar e acadêmico. Em Fevereiro de 2019, sentindo a necessidade de aprimorar os conhecimentos técnicos e buscar melhorar minha atuação como profissional, participei de um curso de formação para técnico do esporte ministrado pela Confederação Brasileira de Orientação (CBO) com apoio da Federação Cearense de Orientação (FECORI) e posteriormente conduzi uma delegação do CMBEL para participar de uma seletiva nacional em Brasília, onde os melhores colocados iriam para o mundial estudantil de Orientação na Estônia. O resultado foi bastante significativo e inédito para nosso estado, pois consegui classificar 03 (três) alunos que compuseram a delegação Brasileira. A delegação brasileira foi composta no total por 05 meninos e 05 meninas, sendo que o Pará obteve a maior delegação com 01 menino e 02 meninas. E por ter sido um feito inédito, fui agraciado pelos pais e pela Associação de Pais e Mestres (APM) do Colégio que se mobilizaram com rifas, bingos, feijoada e doações, compraram minha passagem e

custearam minha hospedagem lá na Estônia para acompanhar toda a delegação, em especial nossos alunos, uma vez que a CBO e a CBDE já haviam selecionado os seus representantes. Sem dúvida nenhuma, esta foi uma experiência inesquecível e muito marcante em minha vida, o que rendeu um relato de experiência no II Congresso Internacional do Conselho Regional de Educação Física e V Fórum Internacional de Conhecimento e Ciência (<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/559806>).





A inédita participação do Pará no mundial de Orientação estudantil na Estônia

Antonio Haroldo da Costa Cardoso Junior

Introdução

A prática esportiva é uma ação que tem se tornado muito importante no ambiente escolar, pois é através das aulas de Educação Física que se promove um melhor desenvolvimento aos seus praticantes e os incentiva a se tornarem atletas nas mais diversas modalidades esportivas.

O esporte escolar é um forte aliado e incentivador no processo de formação do aluno ao longo de sua carreira estudantil. A prática desportiva pode estar voltada para socialização ou competição. Esta última é gerenciada por órgãos, federações e confederações esportivas.

Em se tratando de grandes eventos escolares no Brasil, a Confederação Brasileira de Desporto Escolar (CBDE) junto com as Federações Regionais de cada estado gerencia seus eventos. No âmbito Internacional, a organização fica a cargo da "*International scholl sports federation*" (ISF).

Dentre as modalidades esportivas encontra-se a Orientação que pode ser definida de maneira bem simples como a arte de navegar por terras desconhecidas.

Orientação é um esporte que conecta perfeitamente as habilidades de navegação e a capacidade física de se mover em velocidade através de terrenos desconhecidos. Entrou no programa da ISF em 1987 e é praticado por meninos e meninas da mesma magnitude com 51% dos meninos e 49% das meninas. A última edição do Campeonato Mundial de Orientação Escolar ocorreu em Palermo, Itália em 2017 com a participação de 638 atletas de 26 delegações. (traduzido do boletim 1, 2019, p.01).

Em uma rápida análise ao boletim 1 da ISF, percebe-se que desde a primeira edição em 1987 até a última edição em 2017 a competição aconteceu no continente Europeu, com exceção da 8ª edição (ano 2000) que aconteceu no continente asiático, Ashdod, Israel.

Esta experiência ocorreu em 2019, e neste ano o campeonato ocorreu em Otepää, Estônia, e contou com a participação de 800 atletas de 24 países, dentre eles o Brasil, no qual essa modalidade esportiva surge na década de 70, a partir das organizações militares, e ao longo dos anos vai se destacando nas

competições estaduais. Nesse ano, o Brasil foi representado com 10 atletas, sendo 5 meninas e 5 meninos, e destes 30% foram representados pelo Estado do Pará (2 meninas e 1 menino) em sua primeira participação internacional nesta modalidade.

Diante do Exposto acima, seguirá o relato da experiência vivenciada durante a participação do campeonato no ano de 2019, e foi assim que tudo começou...

Relato da Experiência

Tudo começou...

Em 2015 começava uma nova jornada profissional ao ingressar nas fileiras do Exército Brasileiro, para atuar como professor de Educação Física do Colégio Militar de Belém (CMBel), este pertencente ao Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB).

Em 2016, surge a oportunidade de atuar como responsável pela atividade esportiva Orientação, uma atividade que funcionava em encontros semanais, ministrados uma vez por semana no período da tarde. É importante salientar que todos os 13 Colégios do Brasil possuem atividades extracurriculares que acontecem sempre no contra turno escolar. Elas podem ser de cunho esportivo, artístico cultural e pedagógico.

Com a oportunidade veio a insegurança... como trabalhar uma modalidade que nunca antes havia se vivenciado? O que é orientação? Como funciona? Mapa? Bússola? Como usar esses instrumentos?

Foram muitas eram as dúvidas com relação a um esporte que nem componente da grade curricular do curso de Educação Física (bacharel ou licenciatura) das universidades do Pará faz parte. Então por onde começar?

Na busca por conceitos e referências, encontrava-se a definição da modalidade pela instituição magna que gerencia o esporte no país. A Confederação Brasileira de Orientação (CBO), em suas regras gerais traz a seguinte definição:

“Orientação é um esporte no qual os competidores navegam de forma independente através do terreno. Os competidores, auxiliados somente por mapa e bússola, devem visitar no menor tempo possível uma série de pontos de controle marcados no terreno” (CBO, 2019, p. 04).

Bem, este foi apenas o primeiro passo. Ainda não se sabia utilizar uma bússola, interpretar o mapa e suas simbologias. Neste momento, entra em cena a pessoa que mais proporcionou ajuda e aprendizado, o Sub Oficial João Barroso Tenório.

O primeiro contato, foi preocupante... como um senhor, por volta de seus 68 anos, militar da reserva, poderia ensinar a um professor e um grupo de alunos do 6º ano do ensino fundamental, ávidos em obter o conhecimento sobre essa tal orientação?

Na ocasião, incertezas e insegurança eram muito grandes. Mas, para um primeiro contato, a missão foi cumprida. Modalidade apresentada, bússola apresentada, mapas e símbolos apresentados e a primeira aula acabou. Ufa!

Segunda semana chegou e com ela novas incertezas... O que fazer? Como fazer? Estas eram as perguntas que vinham em mente. Afinal, não se tinha ainda conhecimentos específicos da modalidade, muito menos um planejamento pedagógico sobre o esporte.

À medida que o tempo avançava, novos conhecimentos foram adquiridos: passo duplo, azimute e distância, vestimenta do atleta, equipamentos e acessórios, prismas, picotadores, cartão de controle, Sportident card (SI- Card). Os termos mapa e bússola, não assustavam mais, sinalética começava a ser menos difícil e entre uma aula e outra sempre vinha a pergunta: “quando vai ter pista?”

E então, a tão esperada “pista” aconteceu. Mapas impressos e plastificados, cartões de controle impressos e identificados, lista de partida organizada, computador e impressora só esperando o comando e pronto, largou a primeira dupla, menina para um lado e menino para outro, e a cada 2 minutos mais uma dupla e mais outra, e mais outra, e de repente a atividade chamou atenção de todos que estavam por ali pelos corredores coordenação, supervisão, professores e até outros alunos estavam curiosos para saber como funcionava a atividade. Foi um sucesso!

Assim, para melhorar ainda mais no esporte, todos começaram a participar do Campeonato Estadual de Orientação, professor e alunos agora estavam entusiasmados com o esporte.

Os Jogos da Amizade

Os Jogos da Amizade (JA) é um evento esportivo e artístico cultural que ocorre todos os anos entre os 13 Colégios do SCMB. Ocorre alternadamente, nas duas organizações que formam os oficiais de carreira da força: a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPeCEX) localizada em Campinas, no estado de São Paulo e na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), localizada em Resende, Rio de Janeiro.

Incentivar a prática esportiva, socializar, cultivar os valores que a força promove (espírito de corpo, camaradagem, respeito, companheirismo, cooperação, criatividade, decisão, iniciativa entre outros atributos), além de incentivar o público discente a seguir carreira na força, está entre os objetivos dos JA.

Em 2016, o primeiro ano de participação do CMBel na atividade havia uma grande preocupação, pois os alunos eram os mais novos participantes perto dos outros que já estavam a quilômetros de distância em termos de experiências. Uma outra situação que preocupava era o nível da prova, pois os outros CM'S estavam levando seus melhores atletas, conseqüentemente os maiores e mais experientes (o que determina também o nível da prova), e o CMBel, os menores e menos experientes. No congresso técnico, foi colocado a importância de se ter segurança e cooperação com os atletas de Belém, caso os encontrassem que fosse perguntado se estava tudo bem, se estavam perdidos ou desorientados, oferecendo qualquer tipo de ajuda. E acredite foi necessário!

A competição é dividida em dois dias de prova: percurso longo e percurso médio. No percurso longo, primeiro dia de prova, como era de se esperar os atletas sentiram as dificuldades naturais da prova: clima, temperatura, relevo, curvas de nível, condicionamento físico, interpretação e leitura do mapa (eram previstos). O que não estava previsto, era um mal estar físico que acometeu um integrante da equipe, talvez causado pela ansiedade ou pouca alimentação, o aluno parou a prova e se jogou no chão contorcendo-se de dores abdominais provocadas por gases. Neste momento, outro aluno do Colégio Militar de Recife (CMR) que passava por perto, imediatamente, desistiu de concluir sua prova para prestar ajuda ao seu adversário, momento máximo do esporte. Sai de campo a competição e entra os valores que cada um traz consigo

cooperação, companheirismo, camaradagem, sem dúvida isso não tem preço. Um verdadeiro *"fair play"*. Obrigado, CMR!

No segundo dia de prova, o percurso médio, novas emoções vieram, mas desta vez, sem mal-estar físico. O percurso médio é a prova um pouco menor em relação ao primeiro dia, conseqüentemente, mais rápida. Mas, não foi o que aconteceu com o CMBel. Em média, os atletas completavam a pista na casa dos 30 minutos. Tudo ocorreu bem com os meninos, todos completaram a pista sem problemas, mas as meninas não tiveram a mesma sorte, uma escorregou e perdeu o mapa e SI-Card (sistema de controle eletrônico de passagem pelos pontos), a segunda estava completando a prova no seu ritmo, mas uma passada errada e uma leve torção no tornozelo a fizeram desistir da prova. Para uma primeira experiência a atividade serviu como grande aprendizado.

Nos anos de 2017 e 2018 mais amadurecimento. O clube de orientação começava a ter visibilidade. Agora se tinha uma melhor vivência no esporte, as dúvidas e inseguranças não mais existiam e o campeonato estadual já estava servindo para selecionar os atletas que iriam representar o colégio nos JA do ano seguinte. Estava constituída a equipe de Orientação do Colégio Militar de Belém.

O ano dos acontecimentos, 2019!

Após três anos de vivência no esporte e no SCMB, se ganha muito em aprendizado, tanto em componentes técnicos da modalidade, como também para vida em se tratando de crescimento pessoal. Contudo, ainda não era o bastante.

Navegando pelas redes sociais e aplicativo de mensagem, em janeiro deste ano (2019), encontra-se um informativo sobre um curso de técnicas avançada para treinamento de orientação. O curso iria acontecer em Curitiba, Paraná, e seria ministrado pelo Senhor Göran Andersson (técnico da Seleção Nacional da Suécia por 8 anos e da Seleção Inglesa, por 2 anos), organizado pela CBO.

Por ser um curso ministrado por um estrangeiro a quantidade de participantes era limitada. E foi perguntado qual era o conhecimento técnico que se tinha a respeito do esporte? Porque o curso era para atletas e técnicos nível elite. E então foi sugerido pelo Presidente da Federação do Paraná, Luciano

Oliveira, um curso nível básico que seria ministrado na semana seguinte por ele mesmo em Fortaleza, Ceará.

Não se pensou duas vezes. Contato feito com Federação de Orientação do Ceará (FECORI) e inscrição feita. Foram três dias de curso e muito aprendizado. Aquele conhecimento adquirido nos anos anteriores somou-se aos novos e uma nova metodologia de trabalho estava sendo construída.

A seletiva para o Mundial

Após regressar do curso em Fortaleza, a CBO divulga em seu site que em parceria com a CBDE estava organizando uma seletiva para o mundial estudantil de Orientação na Fazenda Lavrinia em Goiás. O Mundial aconteceria em Otepää, Estônia, dois meses após a seletiva.

Neste momento, o coração bateu mais forte, os olhos brilharam e um grande entusiasmo surgiu, era a primeira competição nacional de grande vulto que se participaria fora a experiência dos JA. Seria este o momento mais importante para os alunos do CMBel? Sim, seria.

No ápice deste entusiasmo e na certeza de elaborar um ótimo plano de trabalho, 10 alunos foram inscritos para a seletiva, 07 meninos e 03 meninas que contou com a participação total de 73 atletas do Brasil.

Para o evento, cada atleta arcou com suas despesas de inscrição e passagem aérea. Para alimentação, hospedagem e traslado o Colégio Militar de Brasília (CMB) foi um grande apoiador. Antes, porém, tudo autorizado pela Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA), quem gerencia o SCMB.

Além do CMBel, outros colégios do SCMB estavam participando, CMF, CMS, CMBH, CMPA. Alguns outros clubes de Orientação fizeram-se presente: COMPASS (RJ), Kalangos do Seretão (BA), além de uma representatividade do Programa Forças no Esporte (ProFEsp).

Ao analisar a forte concorrência, imaginava-se uma grande disputa pelas vagas. E foi. Primeiro dia de prova, atletas na pista. Enquanto os atletas corriam, técnicos e responsáveis foram para chegada esperar seus atletas. Muita apreensão. Entre um atleta e outro, esperava-se que os paraenses fossem bem. Chegavam atletas de Brasília, Belo Horizonte, Salvador e claro do Pará.

Contudo, nem todos da equipe foram tão bem, uma integrante foi atacada por abelhas e infelizmente, perdeu o mapa e desistiu do primeiro dia de prova. Entre os meninos, todos completaram o primeiro dia de prova, destaque para um que estava entre os cinco primeiros colocados.

Segundo dia de prova, percurso médio, todos estavam cientes que a classificação seria através da soma dos tempos dos percursos, os cinco menores tempos masculino e feminino seriam os contemplados.

Atletas na pista e novamente a ansiedade tomava conta de todos ali presentes. E entre uma chegada e outra, cálculos e mais cálculos eram feitos. Chegou a primeira colocada, atleta do CMBH e logo em seguida uma paraense. E que surpresa agradável, a atleta que havia sido desclassificada no primeiro dia, se superou e por alguns segundos não conquistou o primeiro lugar. Logo em seguida começavam a chegar os meninos, Rio de Janeiro e Salvador juntos na disputa do 1º lugar. Passado mais alguns instantes, chegavam juntos meninos e meninas, de todas as delegações, a cabeça já não conseguia raciocinar com os tempos, restava aguardar o resultado final. Mas, nem tudo foi sucesso. Novamente, uma baixa na equipe. Desta vez, um dos meninos foi atacado por uma aranha e foi socorrido por um atleta do Rio de Janeiro que também desistiu de sua pista para ajudar o adversário. Obrigado, Rio de Janeiro!

Atleta encaminhado aos primeiros socorros, junto com dois responsáveis que estavam presentes no evento. Restava aguardar o fim da prova para saber o resultado final. Que Suspense!

Em meio a espera, atletas e treinadores analisavam o resultado do primeiro dia e com o extrato do segundo, faziam os cálculos para saber sua classificação. Foi aí que se pode analisar e ter certeza, das dez vagas ofertadas, o Pará conquistava três colocações, um garoto em 3º lugar e duas meninas em 4º e 5º lugar respectivamente. A equipe masculina estava formada por 02 garotos do Rio de Janeiro, 01 do Pará, 01 da Bahia e 01 de Fortaleza e a equipe feminina por 01 atleta de Belo Horizonte, 01 de Brasília, 01 de Bahia e 02 do Pará. No total, 07 alunos do SCMB estavam compondo a delegação brasileira.

Em meio a emoção pela conquista das vagas, houve também frustrações pelos que não conquistaram. Contudo, o espírito de corpo, a camaradagem, a cooperação, o respeito entravam em cena e os atletas classificados foram aos demais colegas de equipe se solidarizarem, que momento magnífico.

Após a premiação e confirmação do resultado, imediatamente a organização da prova já passava as primeiras orientações para o Mundial de Orientação Estudantil. Coleta dados, número de documentos, tamanhos de calça, camisa e tênis, providenciar o passaporte também era umas das recomendações. E para os treinadores das equipes a recomendação de intensificar os treinamentos. No regresso para o CMB, a euforia ainda era grande e dentre as muitas mensagens, redes sociais, telefonemas, tinha-se a sensação de alívio e de dever cumprido, sem perceber ao mesmo tempo o tamanho do feito conquistado. O Pará iria para Estônia.

A preparação e a viagem

Na semana seguinte ao regresso da seletiva de Brasília, CBO e CBDE divulgam os responsáveis em compor a delegação que acompanharia os 10 alunos selecionados para o Mundial. Cada entidade mandaria um representante CBDE o chefe da delegação, CBO o técnico.

Diante desta divulgação, um grupo de pais tomou a iniciativa e começaram a campanha com o seguinte slogan: “Antônio na Estônia, o treinador tem que ir”. Juntaram-se a Associação de Pais e Mestres (APM) e começaram a realizar rifas, solicitaram doações para realizarem uma manhã alegre com bingo, feijoada e pista.

Após arrecadar os recursos necessários para passagem e hospedagem, solicitou-se à CBDE fazer parte da delegação brasileira, custeando os próprios gastos, afinal havia classificado a maior parte dos atletas e gostaria de estar o mais próximo possível das atividades do evento, claro que não foi este argumento. No entanto, a resposta que se obteve foi negativa, pois já havia sido fechada e enviada para a ISF, a lista de pessoas que iriam para o evento, e não seria possível alterá-la.

Por sorte, ainda na seletiva em Brasília, dois responsáveis de alunos, um de Fortaleza e um do Pará, haviam sinalizado que iriam acompanhar seus filhos, pois não se sentiam a vontade em deixá-los ir sem suas presenças. Foi então, que me juntei a eles e dividimos algumas despesas. Esta parceria foi de fundamental importância, pois ir a outro país, sem saber como se locomover, falando outro idioma e sem conhecer ninguém era uma dificuldade e tanta em grupo, imaginem sozinho.

Parceria feita começava a busca por hospedagem. Em meio as procuras optou-se em ficar hospedado em hostel, por conta da economia. E pela descrição do site o local era bem organizado. Hospedagem fechada. Em paralelo, os pais alugavam um veículo para facilitar nosso deslocamento, principalmente por conta do horário que chegaríamos e a distância que iríamos percorrer do aeroporto até a cidade onde aconteceria o evento, algo em torno de 225 km de distância.

Para a passagem aérea, a busca foi um pouco mais demorada, os preços oscilavam muito. Pesquisa daqui, pesquisa dali, aguarda um pouco, conseguimos achar a passagem dentro dos valores arrecadados e por grande sorte, era o mesmo voo da delegação brasileira. A mesma sorte, não tiveram os pais, que saíram de locais diferentes e se encontraram em uma das escalas, eles chegariam uma hora após minha chegada. Agora tudo certo, passaporte em mãos, passagem comprada, hospedagem fechada e carro alugado. Estônia, aí vamos nós!

A viagem

A viagem para Estônia foi bastante longa, de Belém para Tallin, capital da Estônia, algo em torno de 9.200 km, de Tallin para Otepää mais 225 km. E por não existir voo direto, este percurso foi aumentado para um pouco mais de 11.000 km, com escalas em São Paulo, Londres, Finlândia e enfim Estônia. No total foram mais ou menos 33 horas de viagem.

No aeroporto de Guarulhos, SP era o ponto de encontro de todos os atletas e comissão. Chegamos por volta de 10h da manhã e aos poucos um a um chegava para compor a equipe. Equipe reunida, todos para a área de embarque internacional. Chegando lá, encontramos com o chefe da delegação que repassou os uniformes e as primeiras orientações a todos.

Para essa viagem havia certa insegurança, pois era a primeira vez que se vivenciava uma viagem internacional e não se sabia como proceder em alguns momentos, e claro havia uma preocupação com a comunicação, mesmo tendo feito o curso de inglês havia 20 anos, era a primeira vez que de fato iria praticar. Contudo, era necessário encarar os fatos e relaxar, afinal seria uma experiência ímpar em minha vida e a viagem estava só começando.

Após ter passado por todas as escalas, enfim, chegamos à Estônia. Saímos de Belém na madrugada de sábado e chegávamos por volta de 21h de domingo horário local. Uma diferença de Fuso horário de 6h. Chegando em Tallin, a delegação já era aguardada por um motorista e eu ficaria aguardando meus nobres parceiros que estavam chegando direto de Paris. Enquanto os aguardava, vi o pôr do sol às 21h e anoitecer como em piscar de olhos e ao meio das poucas horas que estava por lá, presenciei a chegada da delegação da Espanha (cerca de 30 atletas, mais comissão) e não imaginava quão grande é o esporte na Europa.

Por volta de 22h chegavam os dois pais e a equipe estava formada. Fomos direto a locadora de veículos buscar o carro e partir para Otepää, o local da competição. Mais 3 h de estrada e frio. No caminho, uma pausa para alongar as pernas e aquecer o corpo com o café expresso.

Chegamos ao hostel por volta de 3h da manhã e a temperatura marcava -2°C, um frio de congelar até a alma. Para na nossa surpresa, local todo fechado. Tocamos a campainha e ninguém veio abrir, olhamos ao redor e tudo fechado, restava-nos voltar para o carro e esperar amanhecer. No carro, lembrávamos que na semana anterior havíamos mandado um e-mail avisando do horário que chegaríamos e que no mínimo era para as portas ficarem abertas. Enfim, não restava fazer mais nada a não ser esperar.

Ao amanhecer, fomos novamente até a porta e para nossa indignação a porta abria para fora e nenhum de nós havia tentado isso, caímos na gargalhada pela “bisonhice” que tínhamos cometido. Ao entrar, sobre a mesa no hall da sala, uma anotação com nossos nomes e o número dos quartos a serem ocupados. Aí começava a semana para gente.

O Mundial de Orientação

O mundial aconteceu em uma semana, no período de 29 de abril a 05 de maio deste ano. O evento reuniu equipes e escolas em duas categorias (atletas nascidos nos anos de 2001, 2002 e 2003 e também 2004 e 2005) de ambos os sexos de vários países.

O primeiro dia foi dedicado à recepção e credenciamento das delegações. Os atletas aproveitaram também para se ambientar ao clima e ao fuso horário. Ou pelo menos se esperava isso, pois a euforia e a empolgação tomava conta deles.

O segundo dia começava com treino técnico que consiste em uma ambientação do atleta ao terreno. Eles recebem um mapa de um terreno parecido com o da competição com alguns pontos marcados, mas sem rota definida. O treinador deve conversar com seus atletas, acompanhando-os e dialogando sobre as melhores rotas e dificuldades apresentadas por essa escolha. Na segunda parte do dia, uma reunião com os técnicos de equipe e finalizando a abertura oficial do evento, um show à parte.

No terceiro dia, o percurso longo. A orientação do técnico era apenas uma: “completem a pista e não se preocupem em ganhar”. Ele já sabia o alto nível das equipes Europeias, e de fato realmente era. Na Europa, a modalidade é componente curricular obrigatório nas aulas de Educação Física e começa desde o Ensino Fundamental I. Ali nossos alunos deveriam ter um pouco mais de três anos praticando a modalidade e estavam competindo com atletas que tinham vivenciado o esporte a vida toda até o momento.

Atletas na pista e vamos à espera de seus regressos. Os primeiros a completarem seus percursos na categoria masculino foi um dos atletas do Rio de Janeiro e pelo feminino, Belo Horizonte, isso com uma diferença gigantesca de tempo para os primeiros colocados. Ainda pelo masculino o segundo atleta do Rio de Janeiro excedeu o tempo e foi desqualificado.

No quarto dia do mundial, uma pausa nas competições. Foi o que chamaram de dia cultural. Primeiramente, todas as delegações foram à cidade de Tartu e conheceram um centro de ciências mantido pelo estado e por empresas. Engenharia, química, biologia e física eram os temas. Vivenciaram uma orientação com tablet e tinham que passar por pontos específicos e cumprir algumas tarefas.

No festival cultural, experimentaram comidas diferentes, assistiram apresentações artísticas de outros países e interagiram muito com os outros atletas. Foi um dia incrível para todos.

No quinto dia, percurso médio, as orientações permaneciam as mesmas. Contudo uma visita desagradável do tempo, a neve. Com a temperatura de -5°C , nossos atletas foram para pista. Na ocasião, mesmo não sendo membro oficial da delegação pude auxiliar a equipe, pois uma vez que o treinador oficial estava com a equipe na sala de espera coordenando suas saídas para largada, e o frio era intenso, eu aguardava os atletas chegarem agasalhados, mantinha o

aquecimento para entrar na pista, e no momento de sua largada resgatava os seus agasalhos e passava mensagens incentivadoras.

Em um dado momento fiquei surpreso com que vi. Um atleta da Inglaterra preparava-se pra entrar na pista de camiseta, short, tênis e meia. Enquanto ele realizava seu aquecimento, eu mesmo agasalhado, com a segunda pele, camisa de manga comprida, casaco congelava pelo frio intenso, e o garoto estava extremamente relaxado e ambientado para entrar na pista. Essa cena está gravada em minha memória.

Em se tratando de resultados, todos os atletas concluíram seus percursos, fizeram o seu melhor diante da dificuldade climática que passaram. A distância para os primeiros colocados permanecia grande, mas o que importava para eles era está ali e nos representarem bem, e assim o fizeram.

O último de dia de prova foi festivo e aberto aos treinadores, aliás, em todos os percursos a pista estava liberada após trinta minutos da chegada do último atleta para quem quisesse fazer o percurso. Contudo, só soube no último dia. Voltemos para último dia, evento chamado corrida da amizade.

Os atletas eram misturados um de cada país recebiam o mapa e conversavam definindo quais pontos pegariam, de certo é que em três pontos de controle deveriam passar juntos, sem exceção. Sendo o último ponto a chegada, deveriam chegar de mãos dadas, mostrando a união da equipe.

A regra era se divertir e como bom orientista que sou e com o apoio do técnico da equipe, consegui me inscrever e junto com dois jovens atletas da China e Suécia, tive minha primeira participação internacional na Orientação. Que sensação incrível!

Reunião feita, pontos escolhidos, rota traçada, vamos para largada. Em meio à multidão de jovens atletas da Europa, Ásia e América do Sul (detalhe o Brasil era a única delegação das Américas participando neste mundial), lá estava eu correndo e analisando ao mesmo tempo, minhas rotas e o perfil dos atletas que estavam na pista indo ao mesmo objetivo que eu, o prisma com o ponto de controle (PC).

Terminado a primeira área de PC, deveria chegar ao ponto de controle principal que simplesmente estava no ponto mais alto de um morro, que subida era aquela! Foi difícil chegar lá, mas consegui, com fôlego no limite. Outra cena memorável e inesquecível.

Partimos para segunda área, o desgaste físico já mostrava seus primeiros sinais, era preciso se manter o mais concentrado possível, para não errar a rota, caso contrário, aumentava ainda mais o percurso e o tempo da prova. E foi o que aconteceu, entrei em uma rua que não tinha passagem para o acesso ao ponto, como resultado me cansei, pois tive que retornar ao outro acesso e atrasei para o ponto de controle dois. Desta vez, o ponto de encontro estava na superfície plana, mas o cansaço já era grande. Passagem feita com sucesso.

Para última área a distância não era muito grande, no entanto, minhas reservas energéticas já não eram as mesmas, o estoque estava reduzido. Mas, não poderia fazer feio, afinal eu também era o Brasil na pista.

Procurando manter o ritmo de prova fui em busca dos últimos pontos e ao encontro da minha equipe. Pontos coletados, entrávamos na reta final da prova, era o “sprint” final, o último “tiro” até a chegada. Juntamos as mãos e partimos para a chegada e que corrida foi essa? Nunca corri naquela velocidade. Suécia e China me carregavam com suas mãos. Até agora não sei como consegui este feito. Foi sensacional!

Sobre o restante da equipe brasileira, uns conseguiram terminar, outros não tiveram a mesma sorte. Talvez se esqueceram de algum ponto ou excederam o tempo de prova. O certo é que este evento foi uma verdadeira demonstração de cooperação e amizade. E o melhor ainda estava por vir, como em uma partida de futebol, atletas e delegações trocavam seus uniformes. Foi uma verdadeira festa!

A segunda parte do dia foi a premiação de todos os três eventos. A delegação da Suécia foi a que teve mais destaque seguido pela Nova Zelândia. Em seguida, foi anunciado onde será a próxima edição do evento. A Sérvia será o palco da orientação mundial estudantil em 2021. Após a premiação, um show com uma artista local, animou a juventude orientista, era o final deste grandioso evento.

Considerações Finais

O esporte Orientação pode ser considerado como um esporte inteligente, pois o atleta deve utilizar tanto seu condicionamento físico, como também seu lado cognitivo, correr analisando rotas a serem seguidas, interpretar símbolos,

calcular distâncias, utilizar e interpretar a bússola são situações que exige muito de seu praticante.

De maneira geral entende-se que o esporte pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, contribuindo muito para a formação de seus praticantes. A experiência aqui relatada faz refletir a importância da prática esportiva na vida escolar e quão incentivadora ela pode ser para a vida dos estudantes.

Com este relato, espera-se contribuir para o crescimento do esporte, contribuir para o meio acadêmico que ainda carece de produções científicas, incentivar ainda mais novos adeptos para sua prática. A partir deste marco, inédito para o estado do Pará, espera-se que esta modalidade possa ser mais difundida e reconhecida nos jogos estudantis regionais para que mais atletas possam ter oportunidades e poder representar nossa bandeira em mais eventos nacionais e internacionais.

Finalizo este relato, agradecendo a todos que me deram a oportunidade de vivenciar a Orientação em seu mais alto nível escolar, primeiramente a Deus pelo dom da vida e sabedoria que me proporcionou, à CBO e a CBDE que não mediram esforços para levar este grupo de jovens a representar o Brasil neste mundial, à DEPA que autorizou nossos alunos a saírem durante as avaliações de estudos, ao meu Comandante, Coronel Innecco, que me permitiu acompanhar nossos alunos nesta atividade e confiou no meu trabalho, aos pais que foram grandes incentivadores e custearam minha passagem e hospedagem, aos amigos Luís Rosal e Joel Melo que dividiram os custos lá na Estônia e facilitaram a jornada de estar em outro País, a minha família que também foi grande apoiadora e incentivadora e claro não poderia deixar de agradecer a pessoa que me apresentou o esporte, meu grande camarada Tenório, meu braço forte e minha mão amiga no começo desta jornada, grande incentivador e amigo. A todos meu sincero obrigado.